

## PALAVRAS MUDAS ASPIRAM À FALA: O TEMPO NA ARTE DE ELIDA TESSLER

Entro numa sala do Torreão em que se encontram os últimos trabalhos de Elida. Em algo que se estica em forma de corda, feito de esponjas usadas e enferrujadas, o tempo deteriora a cor, a consistência. O objeto vive. Recordo a oposição de Lessing: arte do tempo e arte do espaço. Elida introduz o tempo nas suas obras. Contrariando o tempo agostiniano, que nasce da espera, Elida apanha os objetos na última centelha, antes de sumirem nas águas que anulam diferenças. Despede se deles. De cada uni deles. Com afeto. Chora por eles. Chora com eles.

Evoco Falas Inacabadas Primeiro foi fa, que brilha em faino, em fenômeno, em faos, em fábula, em fala. Do brilho brotam sombras, cores, linhas. Matriz? A fala passa. Objetos passam. Palavras topam objetos. Rastros. Lágrimas de rostos partidos. Objetos de mãos ausentes Dedos que arredondaram volumes. Dedos esquecidos. Objetos ensaiam acenos. Palavras se fazem vidros, ângulos, hastes. Palavras e coisa& Inacabadas. Vidros fluem. Vidros alçam voo. Objetos são lágrimas da câmara que chora.

Percebo nos objetos de Elida movimento contra industrial. Elida humaniza o que a indústria banalizou. Nomeia grampos no varal. Palavras individualizam toalhas ao sol. Elida observa a manicure. A manicure faz mãos, rejuvenesce mãos, recria mãos. A manicure tira as mãos do trabalho e as embeleza para o prazer, para a festa. Elida pede à manicure que não jogue os vidros usados no lixo. O conjunto de vidros com restos de esmalte criado por Elida conta a história de muitas horas vividas e perdidas, de muitas ilusões. Elida chama a atenção a coisas miúdas Na unha escreve se um capítulo da vida. Os séculos também desgastam eminências monumentais.

Ambição de Eliot: com fragmentos recolhidos no Ocidente e no Oriente, reconstruir o universo. Elida faz o contrário. Decompõe obras literárias. O processo é esquizofrênico. Sem esquizofrenia não há vida. Rompem se nexos. A justaposição. Ausência de hierarquia interna ou externa. A sintaxe prende, subordina. Estilhaça livros, rompe (Aos, fica só com palavras. Não se aguarde um florilégio de grandes palavras. Elida procura o inusitado no banal. Em Palavras Chaves, as palavras se visualizam. Se matamos com a indiferença, reanimamos com o olhar.

Distingo palavras chaves de palavras chave. Estas abrem textos, aquelas abrem o quê? Uma das fontes das palavras chaves se alimenta de Drummond José, um dos heterônimos do itabirano, quer abrir a porta e a porta não existe

mais. Palavras chaves foram reduzidas a chaves sem porta. São diferentes das palavras guardadas no dicionário, arquivo de textos possíveis. As palavras-chaves vêm de contextos concretos. São palavras vividas.

Dada: palavras atiradas ao alto congregam se ao acaso. As palavras de Elida são escolhidas, sentidas, confeccionadas, cuidadosamente distribuídas. A intenção poética tomou o lugar do acaso. Palavras sem porta permanecem indecisas entre o já escrito e o por escrever. Digo escrever não no sentido convencional. Escreve se com tinta, com pedras, com metais... Até sem materiais palpáveis se escreve. Escreve se com a mente contra o azul do céu ou na superfície branca de uma parede. Escreve se no vazio. Textos que não duram, que se desfazem como a névoa. Objetos estéticos, para viver, trazem em si a marca da morte. O que dura se recolhe ao mundo imaterial das idéias platônicas. Chaves chovem...

Nas palavras chaves não há subordinação, não há aprisionamento. As palavras gravadas nas chaves personalizam. Para saber o que nelas está gravado é preciso tomá-las nas mãos. Palavras que fazem pensar e sonhar. Passaram por outras mãos, foram destacadas por outros olhos (os do marido, os das filhas) ou pelos próprios. As chaves abrem portas de um compartimento a outro, de uma personalidade a outra. Chaves chamam.

A abundância de chaves assombra. Para não sermos consumidos pela geometria convém acolher, levar para bem perto de si. Cada chave tem nome, tem personalidade Você a toca, ela fala só a você. Momentos rolam precários. Único é o momento vivido com intensidade. Devolve se a chave com carinho. Ela o pede. Anônima a chave já não é. Viveu por instantes como as sombras visitadas por Ulisses no reino dos mortos.

Chaves evocam segredos. Não desvendam mistérios. Cada palavra é um mistério dentro de um mistério ainda maior. Vasos comunicantes. Labirinto. Revisito algumas palavras da tradução brasileira de Finnegans Wake que agora nomeiam chaves. Visito as como se as visse pela primeira vez. Leio as no universo de Elida. Lixerários. Heranças de lixo. Literatura que virou lixo. Lixo que se faz arte. Erários de lixo. Showcolates. Chocolates tocados pela arte viram show Rembrandtanças. Névoas que dançam na mente de Rembrandt. O nada que restou da vida renasce na tela.

Mistericórdia. Eu diante do mistério. Misericórdia! Há algo de feminino no mistério. Lembro a manicure, imagino misstério. Emprega se o sufixo tério

para designar ambientes que guardam. O necrotério guarda mortos. Negrócio. O negócio nega o ócio. Negrócio sustenta ócio negro. Negrócio? Negróssio? O negror do ventre. Ainda que o negro não seja notável, noitável é. A noite que banha palavras em gestação. No hossospital palavras e ossos aspiram à luz. Não se confunda luz com pureza. A decomposição não poupa ninguém. Importa que a sociedade perceba sua própria cidadade. O barco em que viajamos é um ônibus que comporta a humanidade inteira. No onibarco entramos ao nascer. Não se procure ordem no onibarco. Os vínculos que nos unem estão longe de ser claros Constituímos sociedade confusa, sócios na confusão, confusórcios.

No solêncio (silêncio solitário), palavras mudas aspiram à fala. Silenciosa é nossa origem e a dos suínos Suinoro é o som que emitem, que emitimos. A repetição banaliza todos os acontecimentos não obstante o repetido tem a marca da singularidade, é novobstante. Os que se dizem monumentais mentem, não passam de monumintos. A cada instante eminentes e indigentes se reamalgamisturam. Palavras recém inventadas (obra da imarginaçãoo imaginação sem margem) migram para chaves virgens. Não a obra pronta. A obra por fazer. A obra no seu ponto de partida. A invenção demora. Apressá-la seria agir imediatamente.

O texto abriga. Confere universo familiar. Arrancada do texto, a palavra paira sobre o abismo, sem lar, unheimlich. Palavras querem nascer. Querem renascer. No tempespaco palavras e coisas se fundem. Finisterra. Onde estará a última ilha da invenção? Cascalhomusgada. O rio, ao fluir, arredonda as pedras e as reveste de musgos. O fluir e o tempo. O fluir no tempo. O fluir do tempo. Palavras são pedras modeladas pelo fluir das águas. O tempo trabalha com mãos de artista.

\*Donaldo Schüller (1932) é escritor, tradutor e professor. Doutor em letras e livre docente pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi professor titular em língua e literatura grega.

Atualmente realiza a primeira versão pau o português de Finnegans Wake, de James Joyce, uma das maiores e mais discutidas obras literárias de todos os tempos. Já publicou quatro volumes (Ateliê Editorial 1999 2002) e está na metade da tarefa, considerada desafio intelectual de fôlego inigualável. Escreveu diversos livros de ensaios e alguns romances, entre eles Teoria do Romance, Narciso Errante e Império Caboclo.

### Palavras mudas aspiram à fala: O tempo na arte de Elida Tessler

Donaldo Schüler\*

Entro numa sala do Torreão em que se encontram os últimos trabalhos de Elida. Em algo que se estica em forma de corda, feito de esponjas usadas e enferrujadas, o tempo deteriora a cor, a consistência. O objeto vive. Recordo a oposição de Lessing: arte do tempo e arte do espaço. Elida introduz o tempo nas suas obras. Contrariando o tempo agostiniano, que nasce da espera, Elida apanha os objetos na última centelha, antes de sumirem nas águas que anulam diferenças. Despede se deles. De cada uni deles. Com afeto. Chora por eles. Chora com eles.

Evoco Falas Inacabadas Primeiro foi fa, que brilha em faino, em fenômeno, em faos, em fábula, em fala. Do brilho brotam sombras, cores, linhas. Matriz? A fala passa. Objetos passam. Palavras topam objetos. Rastros. Lágrimas de rostos partidos. Objetos de mãos ausentes Dedos que arredondaram volumes. Dedos esquecidos. Objetos ensaiam acenos. Palavras se fazem vidros, ângulos, hastes. Palavras e coisa& Inacabadas. Vidros fluem. Vidros alçam voo. Objetos são lágrimas da câmara que chora.

Percebo nos objetos de Elida movimento contra industrial. Elida humaniza o que a indústria banalizou. Nomeia grampos no varal. Palavras individualizam toalhas ao sol. Elida observa a manicure. A manicure faz mãos, rejuvenesce mãos, recria mãos. A manicure tira as mãos do trabalho e as embeleza para o prazer, para a festa. Elida pede à manicure que não jogue os vidros usados no lixo. O conjunto de vidros com restos de esmalte criado por Elida conta a história de muitas horas vividas e perdidas, de muitas ilusões. Elida chama a atenção a coisas miúdas Na unha escreve se um capítulo da vida. Os séculos também desgastam eminências monumentais.

Ambição de Eliot: com fragmentos recolhidos no Ocidente e no Oriente, reconstruir o universo. Elida faz o contrário. Decompõe obras literárias. O processo é esquizofrênico. Sem esquizofrenia não há vida. Rompem se nexos. A justaposição. Ausência de hierarquia interna ou externa. A sintaxe prende, subordina. Estilhaça livros, rompe (Aos, fica só com palavras. Não se aguarde um florilégio de grandes palavras. Elida procura o inusitado no banal. Em Palavras Chaves, as palavras se visualizam. Se matamos com a indiferença, reanimamos com o olhar.

Distingo palavras chaves de palavras chave. Estas abrem textos, aquelas abrem o quê? Uma das fontes das palavras chaves se alimenta de Drummond José, um dos heterônimos do itabirano, quer abrir a porta e a porta não existe

mais. Palavras chaves foram reduzidas a chaves sem porta. São diferentes das palavras guardadas no dicionário, arquivo de textos possíveis. As palavras-chaves vêm de contextos concretos. São palavras vividas.

Dada: palavras atiradas ao alto congregam se ao acaso. As palavras de Elida são escolhidas, sentidas, confeccionadas, cuidadosamente distribuídas. A intenção poética tomou o lugar do acaso. Palavras sem porta permanecem indecisas entre o já escrito e o por escrever. Digo escrever não no sentido convencional. Escreve se com tinta, com pedras, com metais... Até sem materiais palpáveis se escreve. Escreve se com a mente contra o azul do céu ou na superfície branca de uma parede. Escreve se no vazio. Textos que não duram, que se desfazem como a névoa. Objetos estéticos, para viver, trazem em si a marca da morte. O que dura se recolhe ao mundo imaterial das idéias platônicas. Chaves chovem...

Nas palavras chaves não há subordinação, não há aprisionamento. As palavras gravadas nas chaves personalizam. Para saber o que nelas está gravado é preciso tomá-las nas mãos. Palavras que fazem pensar e sonhar. Passaram por outras mãos, foram destacadas por outros olhos (os do marido, os das filhas) ou pelos próprios. As chaves abrem portas de um compartimento a outro, de uma personalidade a outra. Chaves chamam.

A abundância de chaves assombra. Para não sermos consumidos pela geometria convém acolher, levar para bem perto de si. Cada chave tem nome, tem personalidade Você a toca, ela fala só a você. Momentos rolam precários. Único é o momento vivido com intensidade. Devolve se a chave com carinho. Ela o pede. Anônima a chave já não é. Viveu por instantes como as sombras visitadas por Ulisses no reino dos mortos.

Chaves evocam segredos. Não desvendam mistérios. Cada palavra é um mistério dentro de um mistério ainda maior. Vasos comunicantes. Labirinto. Revisito algumas palavras da tradução brasileira de Finnegans Wake que agora nomeiam chaves. Visito as como se as visse pela primeira vez. Leio as no universo de Elida. Lixerários. Heranças de lixo. Literatura que virou lixo. Lixo que se faz arte. Erários de lixo. Showcolates. Chocolates tocados pela arte viram show Rembrandtanças. Névoas que dançam na mente de Rembrandt. O nada que restou da vida renasce na tela.

Mistericórdia. Eu diante do mistério. Misericórdia! Há algo de feminino no mistério. Lembro a manicure, imagino misstério. Emprega se o sufixo tério

para designar ambientes que guardam. O necrotério guarda mortos. Negrócio. O negócio nega o ócio. Negrócio sustenta ócio negro. Negrócio? Negróssio? O negror do ventre. Ainda que o negro não seja notável, noitável é. A noite que banha palavras em gestação. No hossospital palavras e ossos aspiram à luz. Não se confunda luz com pureza. A decomposição não poupa ninguém. Importa que a sociedade perceba sua própria cidadade. O barco em que viajamos é um ônibus que comporta a humanidade inteira. No onibarco entramos ao nascer. Não se procure ordem no onibarco. Os vínculos que nos unem estão longe de ser claros Constituímos sociedade confusa, sócios na confusão, confusórcios.

No solêncio (silêncio solitário), palavras mudas aspiram à fala. Silenciosa é nossa origem e a dos suínos Suinoro é o som que emitem, que emitimos. A repetição banaliza todos os acontecimentos não obstante o repetido tem a marca da singularidade, é novobstante. Os que se dizem monumentais mentem, não passam de monumintos. A cada instante eminentes e indigentes se reamalgamisturam. Palavras recém inventadas (obra da imarginaçãoo imaginação sem margem) migram para chaves virgens. Não a obra pronta. A obra por fazer. A obra no seu ponto de partida. A invenção demora. Apressá-la seria agir imediatamente.

O texto abriga. Confere universo familiar. Arrancada do texto, a palavra paira sobre o abismo, sem lar, unheimlich. Palavras querem nascer. Querem renascer. No tempespaco palavras e coisas se fundem. Finisterra. Onde estará a última ilha da invenção? Cascalhomusgada. O rio, ao fluir, arredonda as pedras e as reveste de musgos. O fluir e o tempo. O fluir no tempo. O fluir do tempo. Palavras são pedras modeladas pelo fluir das águas. O tempo trabalha com mãos de artista.

\*Donaldo Schüller (1932) é escritor, tradutor e professor. Doutor em letras e livre docente pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi professor titular em língua e literatura grega.

Atualmente realiza a primeira versão pau o português de Finnegans Wake, de James Joyce, uma das maiores e mais discutidas obras literárias de todos os tempos. Já publicou quatro volumes (Ateliê Editorial 1999 2002) e está na metade da tarefa, considerada desafio intelectual de fôlego inigualável. Escreveu diversos livros de ensaios e alguns romances, entre eles Teoria do Romance, Narciso Errante e Império Caboclo.